

REFERENCIAÇÃO, ARGUMENTAÇÃO E MULTIMODALIDADE: UM BREVE ESTUDO SOBRE A CONSTRUÇÃO DO PONTO DE VISTA NOS QUADRINHOS

Thiago Gonçalves Cardoso
Elayne Santana França
Geralda de Oliveira Santos Lima

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE, Brasil

RESUMO

Os estudos em Linguística Textual, diante da necessidade de novas propostas de abordagem para o ensino de texto/discurso, têm se debruçado, cada vez mais, sobre o fenômeno da referenciação (MONDADA; DUBOIS, 2003; CAVALCANTE et al, 2010), que tem assumido com mais intensidade os pressupostos da abordagem sociocognitivista, desempenhando uma série de funções cognitivo-discursivas responsáveis pela (re)construção dos sentidos do texto, dentre as quais, vem ganhando destaque a atuação na orientação argumentativa, fenômeno de grande relevância para o ensino da leitura e da escrita. Os interactantes da língua, por meio desse fenômeno, evidenciam suas opiniões, crenças, convicções, utilizando-se da linguagem “como um lugar de confronto das subjetividades” (FERREIRA, 2010, p. 12). Com vista no que foi dito, nosso objetivo com esse trabalho, é apresentar alguns resultados parciais, obtidos com a pesquisa em andamento “Referenciação e argumentação: a construção do ponto de vista por meio das expressões referenciais” (Projeto de Iniciação Científica – PIBIC 2012/2013), desenvolvida com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Governador Valadares, localizado em Aracaju/SE. Destacamos em nossa análise, como ocorrem nos quadrinhos (RAMOS, 2007, 2012) os processos referenciais e como esses processos contribuem para a construção do ponto de vista do autor. Evidenciamos, também, que a utilização dos quadrinhos, em sala de aula, pode ser, quando bem trabalhados, uma poderosa ferramenta didática para explorar as possibilidades de interpretação e produção de textos argumentativos. Este trabalho toma por base os pressupostos teórico-analíticos da Linguística de Texto sob uma perspectiva sociocognitiva e interacional da linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: referenciação; ponto de vista; quadrinhos.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem, por fulcro, a abordagem sociocognitivo-interacional desenvolvida no interior da Linguística Textual (LT) (CAVALCANTE *et al*, 2010), que concebe o texto como “um evento comunicativo em que estão presentes os elementos linguísticos, visuais e sonoros, os fatores cognitivos e vários outros aspectos. É, também, um evento de interação entre locutor e interlocutor, os quais se encontram em um diálogo constante” (CAVALCANTE, 2012, p. 20). Esses interactantes sociais, por meio de

atividades interacionais e discursivas, lançam mão de recursos verbais, não verbais e sociocognitivos, construindo referentes/objetos de discurso (MONDADA; DUBOIS, 2003), entidades desenvolvidas por meio de elementos linguísticos e/ou não linguísticos. Essas entidades, conforme Cavalcante (2012) e Koch e Elias (2011) são escolhas significativas do sujeito em interação com outros sujeitos, que permitem a representação de objetos, pessoas, sentimentos, ações, enfim, a qualquer entidade em função de um querer dizer.

Os processos da referenciação exercem uma série de funções cognitivo-discursivas responsáveis pela (re) construção dos sentidos do texto, dentre as quais vem ganhando destaque a atuação na orientação argumentativa, fenômeno de grande relevância, pois os interactantes da língua, por meio dele, evidenciam seus desejos, preferências, normas, valores, opiniões, crenças, convicções, utilizando-se da linguagem “como um lugar de confronto das subjetividades” (FERREIRA, 2010, p. 12).

Sendo assim, podemos dizer que os referentes não atuam em uma relação de espelhamento direto com a realidade, mas que (re)constróem-na no próprio processo de interação [...] A realidade é construída, mantida e alterada não somente pela forma como nomeamos o mundo, mas, acima de tudo, pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ele: interpretamos e construímos nossos mundos por meio da interação com o entorno físico, social e cultural (KOCH, 2009, p. 61).

A finalidade deste trabalho é, portanto, apresentar, de forma didática, o arcabouço dos processos de referenciação que ocorrem nos quadrinhos e como esses processos contribuem para a construção do ponto de vista de seu autor. Destacando também, que a utilização dos quadrinhos em sala de aula, pode ser, quando bem utilizada, uma ferramenta didática assaz importante para explorar as possibilidades de interpretação e produção de textos argumentativos. Buscamos, aqui, estabelecer uma ponte entre teorias e práticas de texto, referenciação, multimodalidade e quadrinhos, a fim de contribuirmos de alguma maneira para as teorias e práticas do texto voltadas para o ensino. Assim ao mesmo tempo em que se procura apresentar a visão de diversos pesquisadores desses fenômenos (RAMOS; 2012a; FERREIRA, 2010; CAPISTRANO-JÚNIOR, 2011, 2012, entre tantos outros), realiza-se a aplicação dos aspectos teórico-analíticos às práticas de linguagem com os alunos do 9^a ano em sala de do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Governador Valadares, localizado em Aracaju/SE,

O TEXTO NO QUADRO DOS ESTUDOS DA LT

Atualmente, estudiosos da LT têm sido guiados sob uma nova ótica. O texto passou a não ser mais visto apenas como uma representação, uma tradução, espelho do mundo, um instrumento de comunicação, o qual funcionava puramente, a partir do código linguístico e suas regras de organização, mas como uma atividade, uma interação que vai muito além de sua materialidade linguística, na qual convergem diversos fatores e conhecimentos como os textuais e contextuais, entre outros. A título de exemplificação, observemos a tirinha a seguir:

Texto 1



(Disponível em: <http://www.dia-z.com/2012/12/coletanea-de-tirinhas-celso-ludgero.html>. Acesso em: 25/01/2013).

Frente a esse exemplo, pode-se observar que somente os elementos linguísticos presentes no texto (o dizer escrito na placa em cima da mesa e nos balões de fala) não são suficientes para (re)construção dos sentidos, provocando o efeito de humor (RAMOS, 2007, 2011) esperado neste gênero. Em consonância com Cavalcante (2012), para atribuímos um sentido adequado ao texto, temos de fazer uma leitura levando em consideração tanto os elementos linguísticos (signos verbais), quanto os elementos não-linguísticos (signos não-verbais), reconhecendo as diversas pistas deixadas pelo autor para a (re)elaboração dos sentidos.

No primeiro quadrinho ou vinheta (VERGUEIRO, 2006), o personagem introduzido é um zumbi (Zumberto), personagem de Celso Ludgero, que possui uma série de tiras cômicas com este personagem fixo (RAMOS, 2012a), fator que exige do leitor que ative as características que constroem a personalidade de Zumberto (neste caso, em especial, a de alimentar-se de carne humana) para produzir o sentido pretendido pelo autor. Aqui, o zumbi pede “dez coxinhas” e “dez empadas” para viagem, referentes introduzidos verbalmente, os quais são muito importantes para a construção dos sentidos, pois podemos nos perguntar: por que um zumbi que se alimenta de carne humana está comprando dez coxinhas e dez empadas para viagem?

Essa pista nos leva a criar hipóteses para o próximo quadrinho, onde confirmaremos ou não essas hipóteses. A resposta de nossa pergunta é dada no segundo quadrinho: ali, podemos observar a introdução de mais três personagens (seres humanos vivos) que não sofrem nenhum tipo de ataque por parte do zumbi, pois estão vendendo salgados feitos de carne humana. Como podemos chegar a essa conclusão?

Se atentarmos para o quadrinho, várias pistas nos foram deixadas, como na introdução do novo referente “algo mais???”. Como se pode ver, essa expressão referencial, que aparece no texto pela primeira vez, está relacionada ou associada aos referentes introduzidos no primeiro quadrinho (“dez coxinhas” e “dez empadas”), o que é altamente previsível no cotexto ou superfície textual. É apresentada cotextualmente como se já fosse conhecida por se tratar de um objeto que pode ser ativado pelo modelo cognitivo (deseja algo mais além das dez coxinhas e dez empadas?), e não correferencial a essas expressões (“dez coxinhas” e “dez empadas”).

Outra pista deixada no segundo quadrinho, a qual pode ser inferível por meio do contexto sociocognitivo, é a introdução de referentes não verbais (a imagem das coxinhas e empadas na caixinha). Aparece ainda no segundo quadrinho, pela primeira vez, a expressão anafórica “só isso...”, que também é responsável pela manutenção e continuidade dos referentes previamente apresentados (“coxinhas” e “empadas”) no texto, aos quais, está relacionada pelo processo anafórico, ocorrendo, assim, a recategorização dessas expressões. O que demanda o conhecimento de esquemas cognitivos construídos socialmente.

Outras pistas, na tirinha, que nos levam a informações importantes por inferenciação, é “o pé” e “a mão” já começando a entrar em decomposição no fundo da vinheta, e

recorrendo a nossa memória de longo termo, reconhecemos que as três personagens, presentes no segundo quadrinho, são as responsáveis pelo assassinato de pessoas para a fabricação e venda de salgados de carne humana (“coxinhas” e “empadas”) a funcionários do comércio e restaurantes da cidade de Garanhuns/PE.

Conseguimos recuperar essa informação por meio dos referentes introduzidos pelos signos verbal e não verbal (das “coxinhas” e “empadas”); pela expressão referencial “o melhor salgado de pernambucano”, escrito na placa em cima da mesa, expressão esta que, situada co(n)textualmente, remete-nos a ideia de que os salgados seriam os melhores salgados de carne de pernambucano; pelas figuras do pé e da mão em decomposição no fundo da cena e pelas próprias caricaturas presentes na tirinha.

A partir do exposto, podemos perceber que o texto não é construído somente pelos elementos linguísticos (verbalizados – as palavras), expressos nele, mas também é construído em uma relação muito complexa entre diversos fatores sociocognitivo-discursivos. Sendo o texto este objeto multifacetado (KOCH; ELIAS, 2011), podemos conjecturar que, além desses fatores, o texto comporta outros elementos (signos icônicos, plásticos, sonoros, entre outros), e que esses também podem ser responsáveis pela construção dos sentidos, de forma individual e/ou partilhada, em textos não verbais e/ou, de forma híbrida, em textos multimodais (DIONÍSIO, 2011).

Diante de tudo o que foi discutido, podemos observar que os estudiosos da LT sentem a necessidade de alargar a definição de texto, pois como foi dito anteriormente, a linguagem nos textos pode manifestar-se por diversos caminhos, por meio do signo verbal e do não-verbal, ambos sendo responsáveis, em uma relação de completude ou não, pela construção da coerência dentro de um processo sociocognitivo e interacional. Sendo assim, em conformidade com teóricos da LT, que concebem o texto como o próprio lugar da interação (KOCH; ELIAS, 2011), os interactantes se comunicam, interagem e dialogam entre si, (re)construindo e sendo (re)construídos constantemente por meio de elementos verbais, e/ou não verbais, fatores cognitivos, sociais, históricos, culturais, entre outros aspectos (CAVALCANTE, 2012).

Concluindo este tópico, podemos supor que o texto configura-se como atividade imprescindível, tanto ao contexto social dos sujeitos, como e, principalmente, ao ambiente escolar, a fim de desenvolver/evoluir as práticas de ensino da leitura e escrita

(compreensão/interpretação e produção textual) em sala de aula, como também ao domínio das várias formas de linguagem presentes nos variados gêneros textuais que utilizamos em nosso dia a dia. No próximo tópico, refletiremos, um pouco, sobre o uso da referência nos processos textuais/discursivos no ensino da produção e compreensão dos sentidos do texto, ou seja, no ensino da língua que usamos para interagir uns com os outros em atividades comunicativas reais, com sujeitos reais.

A REFERENCIAÇÃO E OS PROCESSOS REFERENCIAIS

Os estudos linguísticos, principalmente no que se refere à Linguística Textual, a cada dia que passa, têm se voltado para analisar os diversos “modos de nos referirmos a objetos, pessoas, sentimentos, ações, enfim, a qualquer entidade” (CAVALCANTE, 2012, p.13), ou seja, o fenômeno da referência exerce uma série de funções linguísticas e/ou não linguísticas, discursivas e cognitivas no processamento textual.

Nesse processo, de acordo com Cavalcante e Custódio Filho (2010) e a fim de construir uma unidade de sentido, os sujeitos operam sobre a materialidade linguística e/ou não linguística, realizando escolhas significativas em função de seus objetivos comunicativos. Estes recursos linguísticos ou não, manifestam no cotexto os objetos de discurso que não significam fielmente a coisa do mundo a qual está sendo referida, mas são construídos e reconstruídos em um processo de interação verbal e/ou não verbal entre os sujeitos. Nessas (re)construções, estes sujeitos valem-se das diferentes modalidades da linguagem como instrumento revelador de suas impressões, crenças, valores e pontos de vista sobre o mundo. Por meio da linguagem, buscam influenciar/persuadir os demais, levando em conta a orientação do pensamento, guiando suas ações, estabelecendo acordos (FERREIRA, 2010).

Na construção da coerência textual, diversos processos referenciais são utilizados pelo produtor como a introdução referencial, as anáforas e a dêixis (CAVALCANTE, 2012). Conforme a autora, o processo de introdução de referentes pode ocorrer de duas maneiras: por meio da introdução referencial não ancorada (pura) ou da ancorada (anáfora indireta).

A não ancorada ou pura ocorre quando uma entidade, até então não apresentada, é introduzida/ativada no texto sem que haja qualquer elemento em que ela se ancore anteriormente, ficando em foco no modelo textual. Já a ancorada ou anáfora indireta acontece quando uma nova entidade é introduzida no modelo textual, sem que haja algum referente específico no cotexto, mas mantendo algum tipo de relação com elementos explícitos, denominados âncoras.

Podemos dividir as anáforas em dois tipos: as anáforas diretas que ocorrem quando um referente já introduzido no texto é mantido/reactivado/retomado por meio de uma forma referencial. Para Cavalcante (2012), esse processo permite o desenvolvimento da continuidade do texto, sendo um dos principais fatores para a construção da coerência textual, pois, por meio dessas retomadas de elementos, ideias e informações, cria-se uma permanência de elementos constantes em seu desenvolvimento. Esse é um dos fatores que nos permite perceber a unidade de sentido existente nos textos. E, as anáforas indiretas, como já dito, são responsáveis pela construção da progressão textual, apresentando novas informações a respeito dos referentes já introduzidos ao texto.

Já a dêixis, tanto pode introduzir, como retomar objetos de discurso, assim como ocorrem com a introdução referencial e as anáforas. Porém, essa não é a sua característica definidora mais importante. O que define um dêitico é a característica de só podermos identificar o referente a que ele se refere se soubermos, pelo menos parcialmente, quem fala, para quem fala, de onde fala e quando fala. Em consonância com Cavalcante (2012) existem três tipos tradicionais de dêixis: pessoal, espacial e temporal.

Diante do processo da referenciação, podemos afirmar que um ensino firmado e compromissado apenas com o ensino direcionado para as estruturas linguísticas (elementos verbais), provavelmente, não terá muito êxito, pois muitos fatores concorrem para a construção e compreensão dos sentidos no trabalho com o texto em sala de aula. Na atividade de leitura e escrita, partimos dos elementos verbais e não verbais que estão dados no cotexto para realização dessas atividades, no entanto esses fatores ativam diversos processos referenciais em nossa memória que transcendem o domínio cotextual, relações essas que devem ser levadas em consideração nas práticas escolares.

O HIPERGÊNERO QUADRINHOS

Atualmente, no Brasil, vê-se uma relação cada vez mais harmoniosa entre quadrinhos (RAMOS, 2007, 2011, 2012a) e o ensino da leitura e da escrita. Professores têm adotado este hipergênero (MAINGUENEAU, 2006; FERREIRA, 2010) quadrinhos, dentre os quais, podemos destacar os cartuns, as charges, as tiras cômicas, as revistas em quadrinhos, que compartilham da linguagem quadrinística, a fim de desenvolver um trabalho que leve em consideração as várias formas de manifestação da linguagem nos textos.

Com base nesses pressupostos, ao propor a leitura de quadrinhos, faz-se necessário um direcionamento tanto para os aspectos de sua linguagem verbal, quanto da não verbal, pois nestes gêneros, essas várias formas de linguagem não estão separadas, mas, sim, interconectadas, complementando-se e explicando-se (RAMOS, 2012a).

Ao desenvolver atividades com esses gêneros é essencial que o professor domine a sua linguagem, tendo uma noção muito clara do que realmente é cada gênero, dominando suas características mais básicas, a fim de proporcionar uma aplicação mais direcionada, crítica, aprofundada e plena dos quadrinhos em sala de aula. Ramos (2012a), a respeito dessa linguagem, identifica algumas tendências:

Diferentes gêneros utilizam a linguagem dos quadrinhos; predomina nas histórias em quadrinhos a sequência ou tipo textual narrativo; as histórias podem ter personagens fixos ou não; a narrativa pode ocorrer em um ou mais quadrinhos, conforme o formato do gênero; em muitos casos, o rótulo, o formato, o suporte e o veículo de publicação constituem elementos que agregam informações ao leitor, de modo a orientar a percepção do gênero em questão; a tendência nos quadrinhos é a de uso de imagens desenhadas [...] (RAMOS, 2012a, p. 19).

Diante de um gênero tão complexo, com uma estrutura tão rica de linguagens e conhecimentos, estudiosos da LT têm se debruçado sobre ele, a fim de dar suporte a estudantes e professores no trabalho com a interpretação da linguagem e características dos quadrinhos. Para isso, esses pesquisadores têm buscado, principalmente, comprovar que é possível aplicar os princípios teórico-analíticos da referenciação em textos multimodais, investigando a construção referencial por meio da relação dos elementos verbais com os não verbais dentro das vinhetas e entre eles, evidenciando como ocorrem os processos de

(re)construção dos sentidos. Na próxima seção, comentaremos um pouco sobre nossas atividades prático-analíticas.

REFERENCIAÇÃO E MULTIMODALIDADE

De acordo com o que buscamos evidenciar anteriormente, é de suma importância tratar da relação entre multimodalidade e referenciação, buscando enfatizar “como a integração de diferentes modos (escrita, elementos visuais, recursos gráficos etc.) [...] atua na emergência de referentes” (CAPISTRANO JÚNIOR, 2012, p. 106). Defendemos, aqui, que os processos referenciais decorrem da interconexão entre as multissemioses, ou seja, os elementos verbais e não verbais intrínsecos aos gêneros multimodais atuam construindo e reconstruindo os objetos de discurso.

A fim de exemplificar nossas afirmações, faremos a análise de um dos gêneros das histórias em quadrinhos. Analisaremos uma tirinha (RAMOS, 2012b), gênero que pressupõe uma série de conhecimentos estruturais, linguísticos e ou não linguísticos, culturais, sociais, históricos, entre outros para que se possa realizar a sua interpretação. Buscamos interpretá-la e/ou analisá-la por meio do uso dos processos referenciais (a introdução referencial, a anáfora e a dêixis), evidenciando como essas estratégias são de suma importância para a (re)elaboração dos sentidos (CAPISTRANO-JÚNIOR, 2011; PINHEIRO, 2012) e construção do ponto de vista do autor. Vejamos a tirinha seguinte da turma da Mônica de Maurício de Souza, onde podemos ver que os objetos de discurso (Papa-Capim e Kava) são introduzidos cotextualmente, pela primeira vez, a partir dos signos mencionados. Esse processo de ativação de referentes é o que se costuma chamar de introdução referencial. Observemos o exemplo:

Texto 2



Copyright © 2000 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

7525

Disponível em: <http://ecospider.blogspot.com.br/2010/11/tirinhas-ecologicas.html>. Acesso em: 25/01/2013)

No primeiro quadrinho o índio mais velho (“Papa-Capim”) é introduzido na tira por meio de um referente não verbal (RAMOS, 2012a, 2012b). Esse referente em uma relação de ensino-aprendizagem com “Kava”, que é ativado no modelo textual pela primeira vez pelos signos verbal e não verbal, mostra a “Kava” como “os caraíbas” (homem civilizado, moderno), referente introduzido somente pelo signo verbal, nomeiam os referentes “Jaci” e “M’boi” como “Lua” e “Cobra”, respectivamente, ativados no modelo textual/discursivo por meio dos signos verbal e não verbal. Os dois índios são (re)categorizados pela linguagem não verbal como empolgados, entusiasmados na atividade, interativamente, desenvolvida. Podemos sinalizar, também, essa ativação dos objetos de discurso por suas expressões faciais, corporais, gestuais, figuras cinéticas, entre outros (RAMOS, 2012a).

Outra questão a ser levantada é a ocorrência da dêixis não verbal tanto no apêndice do balão que assume função dêitica pessoal (quem está falando para quem), como também nos gestos do índio, que aponta para os referentes: “Lua” e “Cobra”.

No segundo quadrinho o referente “Kava” é recategorizado anaforicamente apenas pelo signo não verbal, enquanto “Papa-Capim” pelos signos verbal e não verbal, havendo, assim, a manutenção, a retomada, desses referentes no modelo textual. O que significa dizer que ocorreu o fenômeno da recategorização. Note, por exemplo, a cara de espanto deles, de surpresa e, mais uma vez, as expressões faciais, entre outros fatores já citados, que são

responsáveis por essa transformação. Ainda, neste quadrinho, podemos ver que a dêixis se faz presente com a introdução da expressão referencial dêitica “aquilo”, que ativa ou introduz um novo referente (“o progresso”) que só será enunciado no terceiro quadrinho. Além disso, percebe-se que esse novo referente é apresentado por meio do gesto (dêitico não verbal) produzido por “Kava” ao apontar para essa nova entidade, ainda, não expressa no segundo quadrinho. O que pode ser considerado uma estratégia para criar o efeito inesperado no final, típico do gênero tirinha. Ainda queremos acrescentar que o objeto de discurso “caraíbas”, categorizado no primeiro quadro, é reativado, dando assim continuidade a coerência do texto.

No último quadrinho, o texto ativa uma nova informação: o desmatamento que é categorizado como “progresso” para os caraíbas. Essa representação do objeto de discurso não concerne ao modo de ver dos interlocutores do discurso. Podemos perceber isso por meio da construção das expressões faciais, corporais, gestuais, figuras cinéticas, entre outras características dos referentes “índios” reelaborados pela última vez, o que permitiu a construção emocional dos mesmos, possibilitando ainda a recategorização dos “caraíbas”, de um referente bom para um referente não tão bom assim, pois os “caraíbas” destruíam a floresta para satisfazer seus caprichos.

Com esse desfecho, o autor da tirinha deflagra seu ponto de vista sobre o referente não verbal (o desmatamento) ser visto como “progresso” para o homem moderno, civilizado (referente verbal caraíbas). O autor, apesar de viver em uma sociedade capitalista e consumista, constrói um ponto de vista contrário a esse pensamento, defendendo a ideia de que o “desmatamento” não é “progresso” para os índios, e nem muito menos para os homens civilizados, pois esse desmatamento tem causado resultados catastróficos em todo mundo.

Para persuadir seus leitores de que seu ponto de vista deve ser aderido, o uso a introdução dos referentes verbal e não verbal “índios” foi propositalmente construído, pois este ativa na memória do leitor todo um percurso histórico de destruição e massacre sofrido pelos índios no Brasil. Afirmamos que os índios são brasileiros por meio do processo de inferenciação, pois o autor da tira é brasileiro, a construção não verbal do referente “índio” nos traz um índio estereotipadamente brasileiro, visto que andam quase nus, com o cabelo em forma de cuia e falam português.

Com essa breve análise, mostramos um pouco do casamento existente entre a linguagem verbal e a não verbal, os conhecimentos sociais, culturais, históricos, cognitivos, de mundo, entre outros, que são necessários para reconstruir os sentidos do texto. Com elas, queremos também evidenciar que esses processos referenciais exercem, na construção e reconstrução dos sentidos do texto, funções de grande importância para o ensino, pois estas dão suporte aos sujeitos do ensino-aprendizagem para que possam processar os textos que produzem e compreendem/interpretam, argumentando e produzindo pontos de vista numa perspectiva sociocognitiva e interacional da linguagem.

Por ser um de nossos objetivos evidenciar que a utilização dos quadrinhos, em sala de aula, pode ser, quando bem trabalhada, uma poderosa ferramenta didática para explorar as possibilidades de interpretação e produção de textos argumentativos, em uma turma do 9º ano, desenvolvemos atividades de leitura e produção textual, utilizando-nos de alguns dos gêneros em quadrinhos. Em função do espaço de que dispomos, nossas práticas se resumiram em atividades de leitura e discussões sobre:

- ❖ a linguagem e estrutura dos quadrinhos (foco em tirinhas): balões, apêndice, figuras cinéticas, metáfora visuais, os diferentes tipos de letras, a expressividade facial, corporal e gestual das personagens, a dinamicidade do gênero etc.;
- ❖ os processos referenciais: como a coisa do mundo a qual nos referimos se manifesta, continua e progride no texto; fazendo-nos recorrer a uma série de conhecimentos e estratégias para construção dos sentidos e como esse fenômeno evidencia a construção de pontos de vista e de argumentos;
- ❖ a presença da linguagem verbal e não-verbal em um mesmo texto, atuando de forma intrínseca em uma relação de casamento, em que ambas são responsáveis pelo sentido do texto.

A partir dessas práticas, buscamos evidenciar para os alunos a necessidade de se considerar no momento da compreensão/interpretação de textos, essas e outras questões abordadas por nós, dando subsídios para que eles pudessem desenvolver suas próprias produções textuais. A título de exemplificação, analisamos um fragmento dos textos produzidos pelos alunos do 9º, como vemos a seguir:

Para os índios, o desmatamento é muito terrível, pois a natureza é seu habitat, sua casa e também de todos os animais que nela vivem, é como se estivessem matando parte deles, agredindo a natureza, tirando o único meio de subsistência deles [...].

O aluno, seguindo uma possível interpretação de que o “desmatamento”, como coisa ruim, seria o ponto de vista de um determinado povo, começa, então, introduzindo o referente “índios”, pois estes são os sujeitos e objetos de discurso colocados em foco na tirinha. Essa escolha do aluno evidencia o sucesso da estratégia persuasiva do autor da tirinha ao colocar “os índios” como os personagens que não concordam com aquela prática, pois é de conhecimento comum a história de luta e sofrimento enfrentada por eles. Em seguida foi introduzido o referente “desmatamento” seguido de seu ponto de vista sobre os impactos causados aos índios, isso pode ser percebido pela expressão referencial “muito terrível”.

Em seguida o aluno introduz o referente “a natureza”, entidade que se ancora por meio de anáfora indireta ao “desmatamento”, sendo recategorizada por meio dos referentes “seu habitat”, “sua casa”, evidenciando por que o “desmatamento” faz tão mal aos índios e também a “todos os animais” que tem por moradia e sustento a “natureza”, construindo argumentos para justificar seu ponto de vista com relação ao desmatamento da floresta. A “natureza” é retomada por meio de uma anáfora direta, mantendo o referente no plano textual. O referente “deles” retoma os “índios”, chamando a atenção para como os mesmos se sentem com relação ao desmatamento “é como se estivessem matando parte deles”. O referente “natureza” é colocado novamente em evidência, e, por meio da expressão referencial “o único meio de subsistência deles”, o aluno recategoriza a natureza/floresta/biodiversidade, chamando a atenção para o fato de que além de ser a casa dos índios, é a da natureza que eles retiram seus alimentos, remédios, roupas etc. Com isso, o aluno expõe seu ponto de vista, argumentando em defesa do mesmo, no que se refere a questão do desmatamento sob a ótica dos índios.

Diante dessa breve análise, queremos evidenciar que o ponto de vista do aluno se manifesta por meio de referentes, pois, estes nascem em nossas práticas socioculturais de acordo com nossas experiências perceptivas de mundo (BLIKSTEIN, 2003). Por meio desse pequeno fragmento e de outras produções não citadas, aqui, pudemos perceber que os

alunos são muito competentes para utilizar-se de propriedades argumentativas da linguagem, por meio da referenciação, para defesa e explicitação de seus valores, crenças, opiniões, enfim, dos seus modos de ver o mundo (ponto de vista), a fim de convencer/persuadir seus interlocutores em práticas discursivo-argumentativas. Pudemos perceber também o quanto a tirinha estimulou/facilitou o trabalho com os alunos por ter uma linguagem ágil, agradável e próxima da realidade desses alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi visto durante o trabalho, foi possível aplicar os princípios teórico-analíticos da referenciação em quadrinhos, evidenciando como os processos referenciais ocorrem e que esses podem auxiliar na construção do ponto de vista do autor. E vimos também que os quadrinhos são um excelente recurso para o uso em sala de aula, a fim de interpretar e produzir textos argumentativos.

Ressaltamos, também, que o ensino da interpretação e produção textual precisa considerar muito mais que o material linguístico explícito nos textos, pois estes são apenas as portas para se adentrar nessas práticas. Ensinar textos é considerar os conhecimentos relativos à linguagem verbal e a linguagem não verbal, aos conhecimentos textuais, referenciais, sociais, culturais, históricos, vivências pessoais dos alunos. Ensinar textos é considerar também gêneros que possam interessar ao aluno como as histórias em quadrinhos, por exemplo, uma vez que podem ser uma boa forma de diversão, mas se utilizada de outra maneira, podem servir para finalidades didáticas. Esperamos, mesmo que timidamente, ter contribuído de alguma forma com os estudos mais atuais do texto.

REFERÊNCIAS

BLIKSTEIN, I. **Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade**. 9 ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

CAPISTRANO JÚNIOR, R. Ler e compreender tirinhas. In: ELIAS, V. M. (Org.). **Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura**. São Paulo: contexto, 2011.

_____. **Referenciação e humor em tiras do Gatão de meia-idade, de Miguel Paiva**. 139p. Tese (Doutorado em Linguística). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: contexto, 2012.

_____. *et al.* Dimensões textuais nas perspectivas sociocognitiva e interacional. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (Org.). **Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 225-261.

_____. CUSTÓDIO FILHO, V. Revisitando o estatuto do texto. **Revista do Gelne**, v. 12, n. 2, 2010, p. 56-71.

DIONISIO, A. P. Gêneros textuais e multimodalidade. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 4.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 137-152.

FERREIRA, L. A. **Leitura e persuasão: princípios de análise retórica**. São Paulo: Contexto, 2010.

FERREIRA, C. S. **Intertextualidade e temporalidade nos quadrinhos: um estudo da charge**. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2010.

KOCH, I. G.V. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

_____; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MAINGUENEAU, D. **Discurso literário**. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

MONDADA, L; DUBOIS, D. Construção dos objetos e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CALVACANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B; CIULLA, A. (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

PINHEIRO, C. L. **Processos referenciais em textos multimodais: aplicação ao ensino**. In: **Anais do SIELP**. V. 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012.

RAMOS, P. E. **Tiras cômicas e piadas: duas leituras, um efeito de humor**. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

_____. **Faces do humor: uma aproximação entre piadas e tiras**. Campinas, São Paulo: Zarabatana Books, 2011.

_____. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2012a.

_____. Estratégias de referenciação em textos multimodais: uma aplicação em tiras cômicas. **Linguagem em (dis)curso**, Tubarão, sc, v. 12, n. 3, p. 743-763, set./dez. 2012b.

VERGUEIRO, W. A linguagem dos quadrinhos: uma alfabetização necessária. In: RAMA, A; VERGUEIRO, W (Orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2006. P. 31-64.